

1. ISABEL REI SANMARTIN, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA E CONSERVATÓRIO PROFISSIONAL DE MÚSICA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



6º BRAGANÇA 2006



8º BRAGANÇA 2007



12º BRAGANÇA 2009



13º SANTA CATARINA, BRASIL 2010

Mulher, música guitarrista, galega. Pensa que a amizade é uma das cousas mais importantes da vida. Aprendeu a sobreviver sem o imprescindível. Aguarda, sem muita esperança, o retorno do amor. Entretanto isso não acontece, toca e escrevinha sob a chuva compostelana.

Isabel Rei começou os seus estudos musicais no Conservatório da sua vila natal, Estrada.

Anos mais tarde, em 1995, com 22 anos de idade rematou a sua carreira no Conservatório Superior de Música da Corunha, estudando com o professor António Rocha.

Posteriormente foi bolseira da Fundación "Segundo Gil Davila" e recebeu aulas magistrais de músicos como José Tomás, John Mills, David Russell, Fabio Zanon, Margarita Escarpa, Marco Socías, Miguel Trápaga, Alex Garrobé, Eduardo Isaac, William Kanengiser.

Foi premiada no V Concurs per a Joves Intérpretes de Vila-Real (Castelló), no III Ciclo de Jóvenes Intérpretes da Fundação Pedro Barrié de la Maza, no Concurso Internacional de Guitarra de Cantabria (Comillas), no Concurso Internazionale di Chitarra Fernando Sor (Roma) e nos concursos internacionais de guitarra de Petrer (Alicante) e Linares (Jaén).

Atualmente trabalha como professora de guitarra clássica no Conservatório Profissional de Música de Santiago de Compostela e cursou estudos de Posgrau na Hochschule für Musik «Franz Liszt» de Weimar com o professor e concertista Thomas Müller-Pering.

Realizou diversas colaborações com a Fundação Pedro Barrié de la Maza e com as Universidades de Compostela e Lugo, dando recitais na Corunha, Lugo, Ourense e Ponte Vedra, assim como em outras localidades galegas e portuguesas, em Bruxelas (Bélgica) e na Itália, onde participou vários anos no *Festivale Internazionale di Chitarra di Udine*.

Colaborou na primeira edição do festival de música "Via Stellae" que comemora as diferentes rotas seguidas pelos peregrinos no seu caminho a Compostela.

Autora de "o arquivo de música da família Valladares". Em junho de 2019 participou no IV Simposium Internacional EDiSo (Associação de Estudos sobre Discurso e Sociedade), na Universidade de Santiago de Compostela, com a comunicação intitulada *Nova abordagem do discurso histórico sobre a guitarra/viola peninsular*.



Isabel Rei Samartim (1973) nasce na Estrada (Galiza). Titula-se no Conservatório Superior de Música da Crunha, na especialidade de Guitarra, instrumento do qual é destacada intérprete.

Estuda com os maestros David Russell, **Thomas Müller-Pering (Hochschule für Musik «Franz Listz»** Weimar, Alemanha) e com [outr@s grandes intérpretes](#).

É premiada em diversos concursos da Espanha e da Itália e convidada a festivais na Itália, Galiza e Portugal.

Estreou obras de vários compositores e realizou concertos em diversos países europeus e o Brasil.

Trabalha como professora no **Conservatório Profissional de Música de Santiago de Compostela**, atividade que trata de combinar com os recitais e as pesquisas sobre a música galega para guitarra. Publicou o *Cancioneiro de Marcial Valladares "Ayes de mi país"* junto com José Luís do Pico Orjais (Dos Acordes, 2010); *Suite Rianjeira* (Barbantia, 2010); *Suite Céltica* (Atas do Congresso Os Celtas da Europa Atlântica, Narão 2011); *Proel e o Galo. Poesia e Prosa Galega Completa de Luís G. Amado Carvalho* (Edições da Galiza, 2012).

Em 2014 lança o disco *A Viola no Século XIX: Música de Salão na Madeira*, patrocinado pelo Governo Regional da Madeira.

Programa do colóquio da lusofonia

Participa regularmente em encontros portugueses de relacionamento com Galiza como o *Congresso da Cidadania Lusófona* (Lisboa), o *Festival da Cultura Lusófona* (Portalegre) ou o *Munda Lusófona* (Montemor-o-Velho). Recentemente visitou Sever do Vouga (Aveiro) para participar na sessão de encerramento do *Festival Guitarras Mágicas*.

Como reintegracionista e ativista social integrou a *Sociedade Cultural Marcial Valadares da Estrada*, a *Sociedade Astronómica da Estrada* (SADE) e o coletivo *Assembleia da Língua* (AL).

Em 2007 ajudou a constituir a *Associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa*, entidade encarregada da fundação e organização da *Academia Galega da Língua Portuguesa* (AGLP) em 2008, de que é académica fundadora, e desde 2011, sócia do seu patronato.

Trabalhou na candidatura da academia para integrar, na modalidade de Observador Consultivo, a *Comunidade de Países de Língua Portuguesa* (CPLP).

É sócia fundadora da *Associação Internacional 'Colóquios da Lusofonia'* (AICL) que promove encontros anuais com participação galega.

Colaborou no processo de recolha de assinaturas da *Iniciativa Legislativa Popular Valentim Paz-Andrade*, aprovada em março de 2014 no Parlamento Galego e publicada em abril desse ano como *Lei para o aproveitamento da língua portuguesa e vínculos com a Lusofonia*. Entre 2012 e 2016 coordenou a *Equipa de Dinamização da Língua Galega* (EDLG) do conservatório compostelano.

Escreve regularmente no *Portal Galego da Língua* (PGL).

Tem colaborado no blogue português *A Viagem dos Argonautas*, na revista brasileira *Identidades* e em jornais em papel como o *Novas da Galiza*.



13º BRASÍLIA 2010



13º FLORIPA 2010



13º FLORIPA 2010



13º FLORIPA 2010



ROTA DAS FORTALEZAS STA CATARINA

FLORIPA 2010



13º FLORIANÓPOLIS BRASIL



13º RIO DE JANEIRO 2010



12º BRAGANÇA 2009

O Diário Liberdade entrevistou Isabel:

Diário Liberdade - A música clássica é percebida como elitista, mesmo frequentemente em contraposição à música popular. Por que?

Isabel Rei Samartim - Porque a construção de sentido até agora tem sido obra das elites. A música não escapa à narração da sua história por parte dos dominadores. O que entendemos por "música clássica" é, na maior parte, música de outras épocas e quase sempre doutros países diferentes ao nosso. Temos de decidir se assumimos o discurso da elite, se nos é suficiente com essa explicação macdonalizada da música, ou se decidimos encontrar-nos com ela de uma maneira mais autêntica. @s chamados grandes da música clássica costumaram ser pessoas humildes: Bach era um escravo que foi preso até cumprir um contrato, Mozart e Beethoven eram gente pobre que passou fome na sua vida. Isso sem esquecer o machismo da narração elitista. Desde Cristina de Pisano até às irmãs Boulanger, passando pelas Bárbara Strozzi e Clara Schumann, as mulheres tiveram de fazer-se a si mesmas, lutando contra tudo e contra todos para construir um espaço como mulheres e músicas. Elas também fazem parte disso que conhecemos como música clássica.

DL - Como podemos colocar a Galiza no mundo e uni-la com os seus pares através da música clássica?

IRS - A Galiza ocupa o seu lugar quando dialoga com aquelas partes do mundo que nos interpelam diretamente e por isso a língua é um espaço fundamental e um mapa orientativo. No âmbito da música popular nunca houve cisões quanto à consciência galego-portuguesa e sua extensão à música brasileira e africana. Mas a música erudita, refém das elites, cortou o cordão umbilical com tudo o que não fosse espanhol. Agora essa ligação na música clássica deve retomar-se com iniciativas e intercâmbios. Tenho amigos galegos a darem aulas em conservatórios portugueses. Eu sou sócia do Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa (MPMP) e tenho gravado um disco com música da Madeira (A viola no século XIX: Música de salão na Madeira) graças às pessoas e instituições que se interessaram em fazer essa gravação em parceria com entidades galegas.

DL - Qual é o panorama atual da música clássica galega?

Programa do colóquio da lusofonia

IRS - Tem melhorado a respeito dos últimos anos, o que não significa que a música clássica galega tenha uma vida saudável. Intérpretes somos muit@s, mas somos [pouc@s as](#) que nos dedicamos à interpretação aprofundada da nossa música. Compositores temos, mas pouc@s realizam um trabalho de criação baseado fundamentalmente na nossa música. A pesquisa musical desenvolve-se no voluntarismo mais comovedor, com todas as despesas por conta [d@s pesquisadores](#). É certo que isto não é exclusivo da música clássica, toda investigação musical sai-lhe grátis ao governo do nosso país.

Nas aulas a música galega ainda é uma anedota que o professorado leva para adornar o agora chamado Dia das Letras, ou para "completar" um programa, mas não como parte fundamental da formação do músico. A música não escapa ao seu contexto, se na Galiza falta pôr em valor quase tudo, na música galega acontece o mesmo.

Por desgraça, o facto de termos duas magníficas orquestras sinfónicas não tem incentivado como devera o interesse pela música sinfónica galega. No âmbito dos grupos de câmara as programações integrais de autoras galegas são quase inexistentes. Sofremos as consequências de não termos formado uma escola adequada às características da nossa música. Algo se tentou com a criação da jovem orquestra de Galiza nos '90, mas costuma acontecer que as cousas interessantes na nossa terra não acham continuidade.

DL - Entre outros, tens trabalhado em países lusófonos. Qual a recepção do teu trabalho?

IRS - Nos últimos anos toco em Portugal e Brasil a música galega para guitarra que vou descobrindo nas minhas pesquisas que são quase sempre trabalhos coletivos a envolverem muitas pessoas. A música dos Valladares, do mórrencense Santos Sequeiros, do ourensano Gutierrez Parada, arranjos de música popular, a nossa música patrimonial e histórica para guitarra tem soado do Alentejo a Florianópolis. A música galega é muito bem recebida nos cenários lusófonos porque lhes diz respeito, de alguma maneira dialoga com eles, será pela nossa forma de tocar ou pela própria música, que tem algo que @s inspira.

DL - A música é a tua atividade profissional, mas também participas na Academia Galega da Língua Portuguesa. Qual é o espírito que suporta essa iniciativa?

IRS - Fundamos a AGLP em 2008 com a ideia inicial de ocupar o espaço académico que as instituições ditas democráticas desde a chamada Transição negaram ao reintegracionismo galego. A saída da RAG de Carvalho e de Marinho em 1990 era um sintoma do apartheid que avançava e se consolidava nos âmbitos académicos oficiais. O movimento reintegracionista tinha sido sistematicamente afastado dos centros de poder, reprimido desde as instituições, e mantinha-se na reivindicação de rua, no associativismo, nos centros sociais. Cientes de que toda transformação tem de abranger todos os espaços sociais sem excluir nenhum deles, a criação da AGLP, a nossa tão arrogante quanto rebelde autonegação como académic@s [significava](#) um passo à frente no campo de batalha da construção de sentido académico que estava nas exclusivas mãos dos isoladores. O projeto era organizar uma candidatura acreditada para integrar como entidade galega a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). E a isso, entre outras cousas, nos dedicamos entre 2008 e 2011. Por desgraça a política conservadora portuguesa não nos ajudou e após quatro anos de duro trabalho diplomático a candidatura passou à lista de espera, sendo superada por países como a ditadura da Guiné Equatorial em que não se fala nenhuma modalidade da nossa língua.

DL - Como leitora do Diário Liberdade, recentemente recebemos o teu apoio na [campanha de financiamento 2016](#). Quais os motivos que te encorajaram a apoiar?

IRS - O Diário Liberdade é um meio popular, feito por galeg@s, que introduz na Galiza notícias e colaborações com outros países lusófonos. Acho extremamente importante acompanharmos os assuntos de Portugal, entender o conflito no Brasil, saber das opiniões em Angola e Moçambique, ler artigos sobre Timor Leste, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. É fundamental para situarmo-nos no mundo desde as nossas coordenadas próprias e para sairmos do mormaço isolacionista a que nos condena tanto o centralismo espanhol quanto o ultranacionalismo galego. As notícias e colaborações em português de outros países introduzem um modelo de língua interessante para nos familiarizar com ele, por isso a vocação internacionalista do Diário Liberdade ajuda muito à normalização da língua. E ainda mais, a abordagem das notícias costuma ser inteligente, contribui à formação de pensamento ativo e crítico. Acho imprescindível manter alternativas num momento em que os meios de comunicação convencionais são desconfiáveis quase ao 100%, pois estão nas mãos de grandes empresas com interesses muitas vezes contrários ao jornalismo, as quais não têm reparos em perturbar a fidelidade nas informações ou impedir as perspectivas dissidentes se prejudicam os seus interesses financeiros e políticos. Perante o jornalismo de baixa qualidade, gosto das iniciativas autênticas e livres como o Diário Liberdade.

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL

É AUTORA DO HINO DA LUSOFONIA CRIADO EM FLORIPA 2010 (LETRA: VASCO PEREIRA DA COSTA, CONCHA ROUSIA E ISABEL REI, MÚSICA ISABEL REI)

FOI PRESENÇA HABITUAL NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA ATÉ 2010 TENDO TOMADO PARTE NO 6º BRAGANAÇA 2006, 8º BRAGANAÇA 2007, NO 11º COLÓQUIO 2009 LAGOA, 12º BRAGANAÇA 2009, 13º BRASIL 2010,

DÁ RECITAL DE GUITARRA COM MÚSICA GALEGA E COLABORA NA POESIA.

OUÇA-A AQUI [HTTPS://YOUTU.BE/DLOX0RU1WN8](https://youtu.be/dlox0ru1wn8)